

pendular

AVISO

EDIÇÃO 3/4
LISBOA-MADRID
GRATUITO

Papel 100%
reciclado

O TRABALHO TIRANOS O SONO!

Segundo um estudo da Universidade de Compostela, o consumo de hipnosédativos triplicou desde 2005. Este tipo de medicamentos é geralmente receitado para a insónia e a ansiedade e existe uma tendência global para o aumento do seu consumo - 03

MAIS GREVES SELVAGENS NA AFRICA DO SUL

Uma greve selvagem é uma greve feita de forma autónoma pelos trabalhadores, nos seus próprios termos e sem autorização de um sindicato e que pode ou não cumprir com as normas legais sobre a greve do seu país. São várias as possíveis causas para o seu aparecimento e na África do Sul são mesmo cada vez mais frequentes - 02

VIOLÊNCIA DE ESTADO EM LOS ANGELES

Nos últimos dias, têm ocorrido vários protestos por parte da comunidade imigrante nos Estados Unidos da América, principalmente na zona de Los Angeles, na Califórnia. Trump ordenou o uso de uma força militar, a Guarda Nacional, para levar a cabo esta política de terror. Fê-lo à revelia do governador daquela região -02

OURO DE TOLO

ENTREVISTA A GUILHERME CORREIA

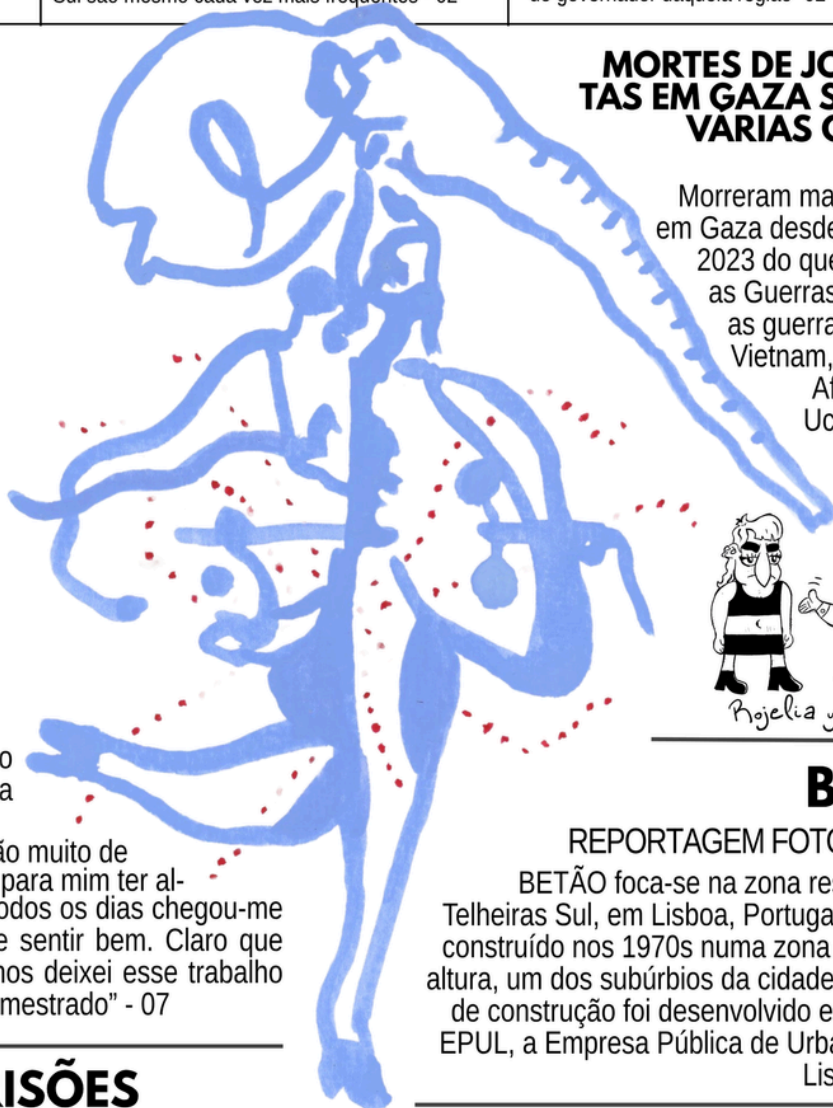
"A rejeição não começa logo no início, tendo em conta que na altura estava só contente por ter um trabalho. Tinha uma visão muito de míudo em relação ao trabalho, para mim ter algum dinheiro e vestir um fato todos os dias chegou-me nos primeiros tempos para me sentir bem. Claro que não durou muito e ao fim 2 anos deixei esse trabalho para ficar a escrever a tese de mestrado" - 07

O VÍCIO DAS PRISÕES

O Novo Mundo, outrora testemunho em primeira mão da produção intensiva de chá, café, tabaco e cacau, cultivos de substâncias psicoativas essenciais para o desenvolvimento do colonialismo europeu e da sua acumulação primitiva de capital, e claramente dependente do trabalho escravo, era agora um campo de batalha do proibicionismo, mas de um proibicionismo seletivo, principalmente nas substâncias não favoráveis à boa conduta e disciplina laboral - 06

FAZIA MUITOS ANOS, DESDE QUE ABANDONEI A FÉ

Cada ser escolhe buscar o conforto necessário para seguir onde lhe parece ter sentido mesmo que isso desafie a lógica e a razão -06



MORTES DE JORNALISTAS EM GAZA SUPERAM VARIAS GUERRAS JUNTAS

Morreram mais jornalistas em Gaza desde Outubro de 2023 do que em ambas as Guerras Mundiais e as guerras da Coreia, Vietnam, Jugoslávia, Afeganistão e Ucrânia, todas juntas - 03



BETÃO

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA

BETÃO foca-se na zona residencial de Telheiras Sul, em Lisboa, Portugal. Um bairro construído nos 1970s numa zona que era, na altura, um dos subúrbios da cidade. O projecto de construção foi desenvolvido e gerido pela EPUL, a Empresa Pública de Urbanização de Lisboa - 04-05

aviso pendular

Com tanto material audiovisual já a circular por tudo quanto é sítio, porquê mais um? A resposta, para quem quer tomar as rédeas do seu próprio destino, é mais fácil do que parece.

O nosso dia-a-dia não nos pertence por completo. Passamos horas e horas a trabalhar e outras tantas a tentar encaixar o que queremos com o que parecemos. Como desistir de pôr em prática a ideia de nos livrarmos destas regras em que vivemos? Ter uma educação formal, arranjar um bom emprego, casar, reproduzir a espécie: quando é vamos fazer estas e outras coisas porque realmente nos apetece? Desistir não vale a pena, realmente.

E como organizar a destruição da sociedade em que vivemos sem conversarmos um pouco antes? Não sabemos que forma terá a nossa emancipação, nem sequer temos a certeza de que ela terá lugar algum dia. Mas, da mesma forma, deixamos essa possibilidade em aberto. Talvez algum dia deixemos de ter que trabalhar horas a fio para poder comer, alugar uma casa e passar uns dias de férias algures, se der. Talvez algum dia chegue o momento em que cada qual será livre de fazer o que bem entende com a sua própria vida, sem que isso incomode quem quer que seja. E, para isso, precisamos de falar, trocar umas ideias. Talvez?

A nossa emancipação, se a alcançarmos algum dia, destas vidas que temos que não são bem nossas, será obra das nossas próprias mãos. Não vai depender de mais ninguém nem de nenhuma cartilha. O que esperamos é que apareça uma multidão de forças, mesmo que assumidamente pequenas como a nossa, nesta vontade de pôr a conversa em dia. Esta vamos tê-la numa terra comum, a península ibérica. É aqui que vivemos e agora que nos apetece conversar. Mas podia ser em qualquer lado e noutro momento qualquer!

VIOLÊNCIA DE ESTADO EM LOS ANGELES

Nos últimos dias, têm ocorrido vários protestos por parte da comunidade imigrante nos Estados Unidos da América, principalmente na zona de Los Angeles, na Califórnia. Tudo começou com rusgas policiais ilegais, a mando do governo central, que foram autênticas caças ao homem. Caleb Soto, da National Day Laborer Organizing Network, uma organização laboral baseada na democracia directa dos seus membros, referiu publicamente que estas detenções foram na verdade raptos, sem nenhum mandato judicial que as acompanhasse.

Trump ordenou o uso de uma força militar, a Guarda Nacional, para levar a cabo esta política de terror. Fê-lo à revelia do governador daquela região; a última vez que um presidente norte-americano tinha chamado forças militares sem autorização das autoridades locais foi, precisamente, em 1965, na marcha pelos direitos civis de Selma a Montgomery, organizada também por James Bevel, Amelia Boynton e Martin Luther King, Jr, entre muitas outras pessoas. Além disso, depois dos primeiros protestos, Donald Trump chamou o Corpo de Fuzileiros, num batalhão composto por 700 militares.

Mas existe resistência. Milhares e milhares de pessoas saíram à rua desde o primeiro dia, num gesto de auto-defesa. Os danos que possam ter sido causados nestes protestos não se comparam com a violência exercida sobre quem diariamente vive do seu trabalho porque é legítima defesa!

MAIS GREVES SELVAGENS NA AFRICA DO SUL

Uma greve selvagem é uma greve feita de forma autónoma pelos trabalhadores, nos seus próprios termos e sem autorização de um sindicato e que pode ou não cumprir com as normas legais sobre a greve do seu país. São várias as possíveis causas para o seu aparecimento e na África do Sul são mesmo cada vez mais frequentes. Depois do fim do apartheid, nos inícios dos anos 90, deixaram de haver restrições à sindicalização e toda a gente passou a poder entrar num sindicato.

No entanto, a força dos sindicatos já não representa quem vive apenas do seu trabalho. De acordo com o relatório do Casual Workers' Advice Office de 2024, desde 2018 que a maioria das greves é feita de forma selvagem. Como os sindicatos se foram integrando no sistema, cada vez mais austeritário, deixaram de representar quem trabalha. De acordo com dados próprios do Witz Vuvuzela, um jornal comunitário, muitas greves selvagens até são realizadas por trabalhadores que estão sindicalizados; mas não têm apoio dos seus sindicatos. E de todas as greves selvagens de 2023, a segunda proporção mais alta foi realizada por trabalhadores que nem sequer estavam sindicalizados.

Se os sindicatos não estão do lado dos trabalhadores, os trabalhadores fazem a luta por si mesmos.

AS FRONTEIRAS BENEFICIAM OS PATRÕES

Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística do Reino de Espanha para o ano de 2023, os trabalhadores estrangeiros ganharam, em média, cerca de 33% menos que os trabalhadores espanhóis. Não é difícil explicar esta situação: muitos imigrantes trabalham em sectores menos qualificados e com piores condições laborais. Um estudo de 2024 da Fundación de Estudios de Economía Aplicada (Fedea), por Raquel Carrasco, reconhece ainda que os trabalhadores imigrantes não fazem baixar a média salarial no seu todo.

Torna-se evidente, então, que certos sectores mantêm baixos salários porque se aproveitam de uma população geralmente com poucos estudos e disponível para trabalhar por baixos salários, seja estrangeira ou não. O problema é que estes dados não incluem os salários dos imigrantes ilegais e as médias salariais podem ser ainda mais baixas. De acordo com a Lusa, uma empresa

de construção civil na zona do Seixal, em Portugal, preferia contratar imigrantes ilegais porque assim podia pagar menos que o salário mínimo. Além disto, "não pagavam períodos de férias, subsídios de férias ou de Natal, nem o trabalho suplementar", aumentando os seus lucros. E podiam fazer isto pela simples razão destes trabalhadores não terem uma determinada nacionalidade ou visto de residência. Se estas empresas preferem contratar imigrantes ilegais, é porque assim podem fazer mais dinheiro.

Faz isto algum sentido? Porque é que o dinheiro pode circular livremente entre países mas as pessoas estão presas pelas fronteiras? Se toda a gente pudesse viver livremente em qualquer país, as empresas iam ser obrigadas a aumentar os salários para toda a gente. Não é admissível que um trabalhador não possa recorrer à inspecção do trabalho com medo de ser deportado. Quem ganha são os patrões!

PORTUGUÊS NÃO É LÍNGUA MATERNA EM ÁFRICA

Existe um mito sobre a língua portuguesa: supostamente, vários países em África têm o português como língua materna. Como outros mitos coloniais, também este é falso. É verdade que uma esmagadora parte da população dos países africanos de língua oficial portuguesa fala português como segunda língua; e o conhecimento dessa língua, mesmo que não seja de forma nativa, aumenta as possibilidades de comunicação além-fronteiras.

Mas em Moçambique, por exemplo, de acordo com os dados mais recentes do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, apenas 16,5% da população fala português como língua materna. Esta percentagem era muito mais pequena logo a seguir ao processo de descolonização: em 1980, apenas 1,2% da população falava português como língua materna. E a situação nos outros países onde se fala português não é muito diferente, com a possível excepção das zonas urbanas de Angola.

João Melo, escritor angolano, afirmou ao Gerador: "Faria todo o sentido que a alfabetização das crianças começasse por ser feita na língua que elas conhecem." O campo da linguística confirma: um bom conhecimento da língua materna melhora todas as capacidades cognitivas, inclusive a aprendizagem de outras línguas. Fica a pergunta: porque não a aprendizagem de qualquer língua como língua materna, nas escolas de todo o mundo? A aprendizagem de línguas estrangeiras não ficaria em causa. Porque é que as fronteiras definem que línguas aprendemos nas salas de aula se todas as línguas são, elas mesmo, universais?

O TRABALHO TIRA-NOS O SONO!

Segundo um estudo da Universidade de Compostela publicado na Gaceta Sanitaria, o consumo de hipnosedativos triplicou desde 2005. Este tipo de medicamentos é geralmente receitado para a insónia e a ansiedade e existe uma tendência global para o aumento do seu consumo. Segundo o mesmo estudo, o consumo é 65% maior em mulheres; e uma das principais razões apontadas é a diferença de tratamento entre homens e mulheres por parte do pessoal médico e não uma diferença biológica: os aspectos psicológicos são mais tidos em conta nas mulheres e os aspectos fisiológicos nos homens.

O sono é uma parte fundamental do nosso bem-estar mental e cada vez mais gente recorre aos serviços médicos por insónias. Mas será esta a abordagem correcta? Geralmente, quando se trata saúde mental, o pessoal médico pressiona os pacientes a adaptarem-se à sociedade e existe cada vez mais uma cultura de tratar tudo com

medicamentos. Mas, na verdade, os seres humanos dividiram o seu sono em duas partes até ao início do capitalismo. O historiador A. Roger Ekirch, no seu livro "At Day's Close: Night in Times Past", recupera os nossos hábitos antes do capitalismo. Era usual dividir o sono em duas etapas, ficando acordado durante algumas horas durante a noite para ler, comer ou fazer sexo. No fundo, até as funções biológicas precisam de ser contextualizadas com o período histórico. Dormir 8 horas seguidas não é "natural" nem deixa de ser.

Mas como é que é possível ter este tempo todo para descansar se todos os dias temos que ir trabalhar tão cedo? O problema não se resolve com medicamentos mas sim com o fim destes trabalhos inúteis! Não existem já recursos mais que suficientes para podermos viver em paz e em harmonia com a natureza, para podermos brincar e descansar com mais tempo? O problema é mesmo não termos tempo para nada!

MORTES DE JORNALISTAS EM GAZA SUPERAM VÁRIAS GUERRAS JUNTAS

A partir de dados de Abril de 2025, é possível afirmar que morreram mais jornalistas em Gaza desde Outubro de 2023 do que em ambas as Guerras Mundiais e as guerras da Coreia, Vietnam, Jugoslávia, Afeganistão e Ucrânia, todas juntas. É um artigo do projecto Costs of War, do Instituto Watson para os Assuntos Públicos e Internacionais, que o diz: 232 jornalistas mortos em Gaza no último ano e meio.

Israel não autoriza quase nenhum jornalista estrangeiro a ir a Gaza. Além disso, e

segundo a ONG Repórteres Sem Fronteiras, existem evidências explícitas que permitem confirmar o envolvimento directo das forças armadas israelitas no assassinato de pelo menos 35 jornalistas. Também estão a impedir que a ajuda humanitária chegue a Gaza e a reprimir, com a ajuda do governo do Egipto, a Marcha Global a Gaza. Se os relatos e imagens que nos chegam são tantos e são já insuportáveis, podemos sequer imaginar o que está a ser escondido com tanta força? É urgente, de uma vez por todas, parar o genocídio!

Rojelia y Tito Detrito



BETÃO

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA

Vivemos num período no qual a habitação é um dos temas mais presentes no debate público. Além da necessidade de que toda a gente tenha uma casa, o que a lei santa da propriedade privada não permite, é também importante reflectir sobre os espaços urbanos que partilhamos quotidianamente. Em que tipo de espaços estão localizadas as nossas casas? Que tipo de relação proporcionam com a vizinhança?

Decidimos também deixar-nos levar pela sugestão feita por Walter Benjamin, no texto "O autor como produtor": "Temos que exigir dos fotógrafos a capacidade de colocar em suas imagens legendas explicativas que as liberem da moda e lhe confirmem um valor de uso revolucionário. Mas só poderemos formular convincentemente essa exigência quando nós, escritores, começarmos a fotografar." Por tudo isto, apresentamos um fragmento de um pequeno ensaio fotográfico sobre como a arquitectura pode moldar as nossas vidas.

BETÃO foca-se na zona residencial de Telheiras Sul, em Lisboa, Portugal. Um bairro construído nos 1970s numa zona que era, na altura, um dos subúrbios da cidade. O projecto de construção foi desenvolvido e gerido pela EPUL, a Empresa Pública de Urbanização de Lisboa.

Escolhi este bairro de Lisboa porque Telheiras tem características sociais e arquitectónicas distintas, já que a maioria dos edifícios é do mesmo período. Hoje, Telheiras é um bairro de classe média/alta, embora tenha sido inicialmente planeado como um bairro residencial moderno e acessível, destinado a diferentes grupos sociais. O planeamento arquitectónico é linear, sóbrio e orgânico — os edifícios unem-se e apresentam pouca, ou nenhuma, ornamentação. Muito semelhante às "New Towns" do Reino Unido (cerca dos anos 1940–1960) e à arquitectura brutalista (meados dos anos 1950–1960).

É interessante notar que, ao planear este novo bairro, houve a preocupação de projectar os edifícios virados para dois lados: um, voltado para a rua e as

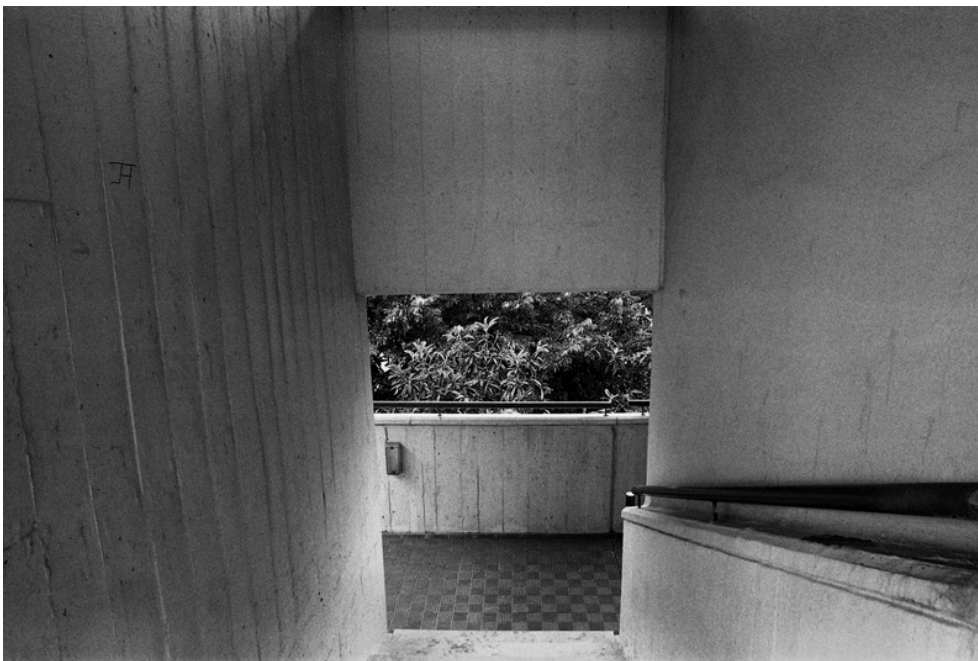




estradas, e o outro lado, voltado para espaços verdes partilhados, transformando assim a relação entre os residentes e os seus arredores.

A zona foi desenhada com uma uniformidade formal, baseada em painéis exteriores de parede pré-fabricados, suportados por estruturas tradicionais de betão, conferindo um sentido de rigor e disciplina na aparência, cor, tratamento e textura.

Este bairro sempre me foi familiar — é onde a minha avó vive desde os anos setenta, e onde a minha mãe e os meus tios cresceram e tinham as suas “amizades de bairro” — algo que parece ter praticamente desaparecido de muitas cidades. Embora essa interação social seja principalmente geracional e não particular a bairros específicos, sempre me pareceu algo mais forte em Telheiras. Foi por isso que decidi desenvolver este projecto em particular. Para mim, esta ‘peculiaridade’ tinha de ter alguma ligação com o projecto arquitectónico.



E tinha: ao construir blocos de apartamentos virados para dois lados (a estrada e os espaços verdes), foi possível criar parques seguros e familiares que os residentes podiam usufruir sem terem de enfrentar a rua, desconstruindo assim, de certa forma, a ideia habitual de cidade. Apesar da gritante falta de zonas verdes acolhedoras nas cidades e da profusão de actividades interiores disponíveis, Telheiras tentou contrariar essa tendência.



Tendo estas considerações como ponto de partida, tentei explorar de que formas a arquitectura e a sua relação com o ambiente natural se conjugaram para criar uma zona tão particular. Os edifícios revelaram ser um verdadeiro labirinto, ideal para brincadeiras de crianças, e também um paradigma do público e do privado. Ou seja, o único espaço verdadeiramente privado é o interior dos apartamentos — todo o resto é um recreio. Foi nesse recreio que me perdi e onde percebi como a arquitectura pode intervir (neste caso, para melhor) e ajudar a criar certas condições no nosso dia-a-dia.

O VÍCIO DAS PRISÕES

O proibicionismo do uso de substâncias psicoativas está intimamente ligado à política externa dos governos dos Estados Unidos da América durante praticamente todo o século XX e às reorganizações da burguesia do mesmo país, mas também a uma tradição moralista de uma parte dessa sociedade norte-americana (um exemplo seria o Partido Proibicionista). O século XX começou então com o aparecimento de diversas leis proibicionistas: a Lei Seca, resultado desses movimentos proibicionistas, e, mais tarde, a Lei do Imposto sobre a Marijuana de 1937, resultado das disputas entre os principais fabricantes de fibras têxteis, são dois exemplos importantes. O “Novo Mundo”, outrora testemunho em primeira mão da produção intensiva de chá, café, tabaco e cacau, cultivos de substâncias psicoativas essenciais para o desenvolvimento do colonialismo europeu e da sua acumulação primitiva de capital, e claramente dependente do trabalho escravo, era agora um campo de batalha do proibicionismo, mas de um proibicionismo seletivo, principalmente nas substâncias não favoráveis à boa conduta e disciplina laboral. Esse proibicionismo seletivo, embora enraizado num longo contexto histórico, adquire a sua máxima expressão com a guerra contra as “drogas” empreendida pela administração Nixon, que converte certas “drogas” no seu inimigo público número um. Esta guerra reacionária contra o novo inimigo público traduziu-se, cinicamente, numa política que financiou cartéis de droga e governos

alinhados, que por sua vez alimentaram a instabilidade política nos países a sul.

Então, foi a guerra contra as “drogas” um rotundo fracasso? Se olharmos para os verdadeiros objetivos do governo norte-americano, a resposta é não. Na realidade, foi um grande sucesso, já que grande parte da ajuda estrangeira para a guerra contra as “drogas” foi destinada ao combate das insurgências de esquerda (como na Colômbia, Nicarágua ou México). Isto foi essencial para o condicionamento político e económico de toda a América Latina, exemplificado na Aliança para o Progresso, e uma poderosa arma retórica que permitiu canalizar recursos do erário público, no quadro da Guerra Fria e do fortalecimento da hegemonia militar norte-americana. E tudo é ainda mais perverso ao sabermos que as forças armadas norte-americanas promoveram o consumo de anfetaminas nas suas próprias fileiras e que a infraestrutura da guerra do Vietname foi utilizada para transportar e traficar heroína para o território norte-americano.

No entanto, os objetivos da administração Nixon não se limitaram à política externa, já que a retórica proibicionista serviu também para eliminar os dissidentes dentro de casa. Como disse o assessor de assuntos internos do presidente Nixon, John Ehrlichman: os verdadeiros inimigos do governo norte-americano eram a esquerda antiguerra e as pessoas negras, associando-as ao uso de

“drogas” e criminalizando assim as suas atividades políticas. E embora o mais que evidente racismo nunca possa ser considerado como a única razão para aplicar estas políticas, a verdade é que a guerra contra as “drogas” consolidou e amplificou um racismo institucional sob a forma de vilipêndio público da comunidade negra. E este motivo é talvez o que mais necessita de ser desvelado. Os registos policiais, as detenções e os encarceramentos desproporcionais da comunidade negra têm uma das suas origens aqui mesmo, na guerra contra as “drogas”, adquirindo proporções massivas e ao mesmo tempo exponenciais, bem como um aumento exponencial da população global encarcerada desde a década de 1970. Não é um mero detalhe que o aparecimento de uma indústria sob a forma de prisões privadas durante a administração neoliberal de Ronald Reagan tenha sustentado este aumento: o neoliberalismo tem como prática o aumento da liberdade para os mais ricos à custa de uma diminuição da liberdade para os mais pobres. Uma liberdade selectiva, como o proibicionismo. Existem outras razões para o aumento do uso das prisões além da cínica repressão ao uso de substâncias psicoativas, uma actividade que partilhamos com muitos outros animais há milhares de anos (como aliás já referido em Génesis, 1:11-13). Mas, tendo pelo menos isto em conta, surpreende assim tanto que as pessoas não brancas sejam as que mais sofrem violência policial e nas prisões?

A. Duarte

— FAZIA MUITOS ANOS DESDE QUE ABANDONEI A FÉ —

Fazia muitos anos desde que abandonei a fé. Apesar de ter crescido ferrenhamente sendo católica apostólica romana, do tipo de criança que, não só ia à missa como também participava lendo a homilia e dedicando todo o meu ser ao cristianismo, ou melhor, a ser ferramenta de Cristo, eu abandonei não só todos os dogmas mas também toda a fé que havia cultivado durante a infância.

A abandonei quando ela parecia ter me levado por caminhos tão confusos e tão doídos que me parecia impossível discernir.

Preferi seguir o caminho da lógica, da estatística, da razão pelas seguintes décadas.

Foi em um dos momentos mais difíceis da minha pequena vida, que entendi porque e como a fé existe. Quando em 2023, fiquei sem casa, sem trabalho, sem amor, sem perspectivas de um futuro palpável e a incontáveis quilômetros de um colo familiar, vi que naquele momento eu poderia finalmente me entregar ao fim. Parecia que não havia mais nada ao que me apegar. Apesar de parecer que as alternativas que eu tinha não me levariam a nada, eu já não queria morrer. Alguma coisa estava viva em mim.

Segui tentando sobreviver, eu, que até então tinha chegado até aqui imersa em meu

pessimismo, ansiedade, depressão e busca por diagnósticos que justificassem a minha pouca vontade de viver, me dei conta do que todo coração obreiro latente se dá conta: Não há volta atrás. Para querer morrer você tem que viver antes, e eu já não tinha uma vida para negar. Meu espírito precisava encontrar um caminho por onde dar meus primeiros passos. Depois de inúmeras tentativas de me estabilizar, que me deixaram mais cansada que contente, em algum lugar do meu ser, a fé começou a se manifestar.

Recolhendo os cacos que deixei espalhados dentro de mim, vi que a ausência de raízes em meus pés, por mais angustiante que fosse, também me permitia sonhar e ter esperanças. Quando o único caminho é seguir adiante é a fé que nos mantém aqui. Como um pequeno feixe de luz, ela veio adentrando meu ser cético e iluminando meu coração cansado para um futuro palpável.

Uma ideia, uma possibilidade, um golpe de sorte, pequenos milagres e amigos queridos me sustentaram.

A fé dessa vez não veio vestida de dogmas religiosos, mas em um aspecto real e ordinário. Ela estava ali presente nas vidas que eu observava ao redor. Famílias migrantes que

trilham seus caminhos enfrentando adversidades enquanto mantém a chama acesa da esperança de reencontrar seres amados muitas vezes em outros continentes, amigos que entraram em situações burocráticas e económicas complicadas mas que seguiam dedicando todo o seu ser em estarem prontos para um futuro auspicioso ou colegas de trabalho que em meio ao caos do atualidade individualista seguem crendo que só o amor e a união nos fará crescer como sociedade.

Entretanto, não me separei da fé espiritual, na verdade, entendi que ela junto com a fé no potencial real da vida podia me levantar para finalmente conquistar meu lugar no mundo.

Tive medo de pecar e trair a minha razão, quando me voltei para a espiritualidade, mas encontrei nela o conforto de que algo, alguém ou simplesmente a aleatoriedade da vida pudesse agir ao meu favor e assim compreendi que essa mistura entre a realidade bruta e etérea sustenta a mão de obra trabalhadora por milênios.

Cada ser escolhe buscar o conforto necessário para seguir onde lhe parece ter sentido mesmo que isso desafie a lógica e a razão.

Brunna Lopes

OURO DE TOLO

ENTREVISTA A GUILHERME CORREIA

Costumamos dizer que o dinheiro não é tudo. Mas, na hora da verdade, são poucas as pessoas que escolhem viver as suas paixões. É impossível ser livre sozinho, é certo. Mas também é certo que é preciso aproveitar os minúsculos momentos de autonomia a que por vezes temos acesso, aqueles momentos da vida em que podemos gritar que valeu mesmo a pena, aconteça o que acontecer. É por isso que fizemos esta entrevista, para que continuemos a sonhar, em conjunto, com uma vida diferente para toda a gente. Entrevistámos um amigo nosso, que decidiu não sucumbir ao ouro de tolo, àquela vida chata que por vezes vivemos sem sequer nos darmos conta. E aprendemos com ele.

p.: Estudaste economia e, durante os primeiros anos da tua vida laboral, tiveste trabalhos nessa área. O que é que te fez ir para esse curso? E o que te fez continuar e acabá-lo?

r.: Estudei economia porque gostava de política. Na altura pareceu-me o curso que mais se enquadrava. Rapidamente entendi que o curso nada tinha a ver com o que imaginava na minha cabeça, que era economia política. Acabei por continuar o curso porque sabia que abria muitas portas no mercado laboral e, na altura, não tinha ideia do que queria fazer. Não tinha maturidade nem confiança suficiente para me virar para outro lado. Deixei só a vida correr.

p.: E quais foram as tuas primeiras experiências laborais, relacionadas com o teu curso?

r.: Trabalhei em duas associações patronais, que apesar de serem de um espectro oposto ao meu em termos políticos, pelo menos tinham algo de político em que podia utilizar os conhecimentos que tinha de economia. Sabia desde o primeiro momento que não ia passar lá muito tempo, mas achei que podia abrir portas para outros trabalhos.

p.: Como é que se desenvolveu a tua rejeição a esse ambiente? Começaste logo a pensar em alternativas?

r.: A rejeição não começa logo no início, tendo em conta que na altura estava só contente por ter um trabalho. Tinha uma visão muito de miúdo em relação ao trabalho, para mim ter algum dinheiro e vestir um fato todos os dias chegou-me nos primeiros tempos para me sentir bem. Claro que não durou muito e ao fim 2 anos deixei esse trabalho para ficar a escrever a tese de mestrado.

p.: Como é que surgiu a ideia da carpintaria, então?

r.: Surgiu numa fase em que me despedi do último trabalho e não sabia o que ia fazer. Estava num momento de grande crise existencial, em que via a vida a passar-me ao

lado. Foi o momento mais decisivo da minha vida até hoje. Sinto que foi quando deixei de ser um jovem para ser um homem. Até aí nunca tinha realmente levado a vida muito a sério e entendi que a minha maturidade era muito mais superficial do que achava.

Foi o momento em que despertei para a realidade: ninguém ia resolver a minha vida por mim. Não podia ser passivo e andar de trabalho em trabalho, com medo. Tinha de ser mais revolucionário na forma como vivia. Não foi uma ideia óbvia, a da carpintaria / marcenaria. Pensei em ser programador, analista de dados...ainda muito preso ao paradigma anterior, de trabalho de secretária com emprego garantido e algum status social. Tudo opções que ainda revelavam imensa falta de confiança para arriscar a sério.

p.: O teu desejo, ao começar neste novo sector, era recuperar uma certa arte perdida? Ou olhas para a carpintaria como uma arte

adaptada ao presente, incluída nas correntes artísticas do presente?

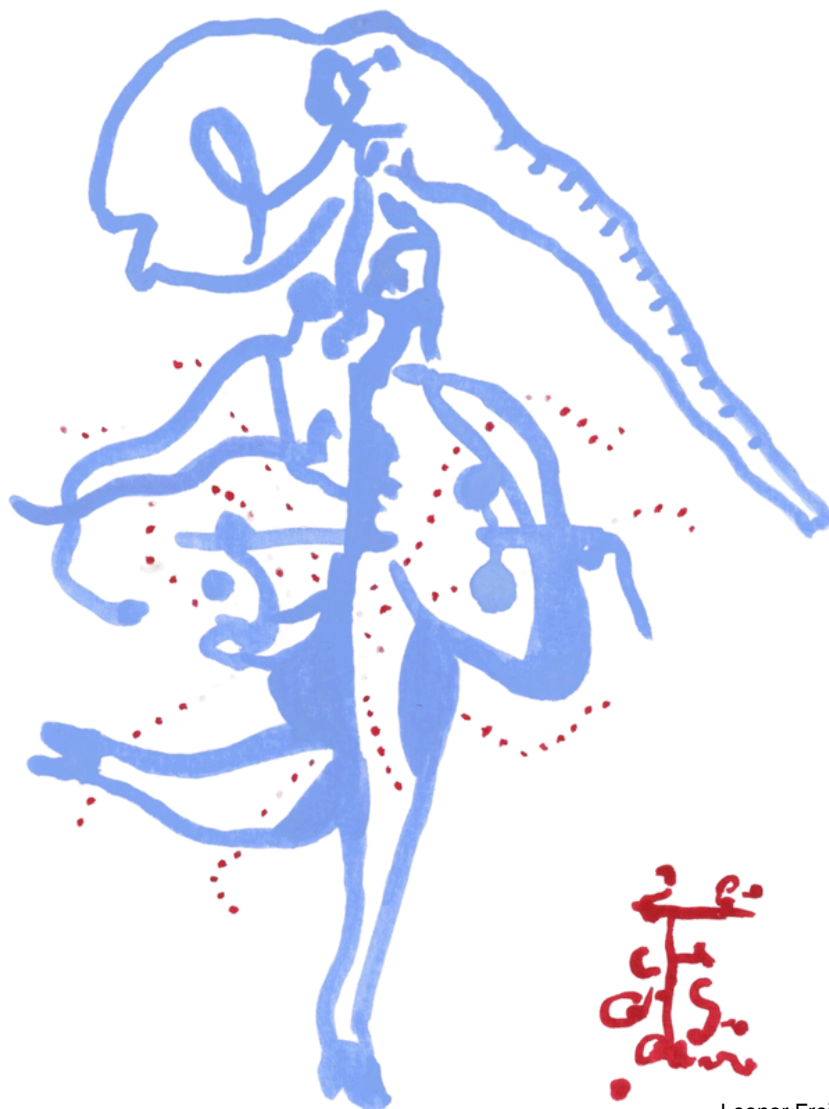
r.: Uma das coisas que mais me fascinava nesta área era o orgulho que havia nos profissionais e a relação de mestre e aprendiz. Havia alguma coisa nesse lado humano de passagem de testemunho que achava muito potente e raro. É uma coisa que ainda hoje me emociona. Posso dizer que nas duas oficinas em que trabalhei houve sempre uma relação desse tipo, mais ou menos forte.

Estou muito grato por ter tido pessoas que estiveram disponíveis para me ensinar quando não sabia praticamente nada do que estava a fazer.

p.: Por último, sentes que as encomendas que vais realizando, são obras tuas? Tens tempo para a criação artística?

r.: Ainda não são. Ainda me falta muito para lá chegar, mas julgo que vai ser esse o caminho.

RESISTIR É EXISTIR



CONFISSÕES

TERCEIRA PARTE

— Um dilema... — respondeu o padre, de novo levando a mão à cabeça, surpreendido pela viragem abrupta. — E que dilema é esse, se me permite?

— Não sei... — continuou Pedro, em dúvida, — não sei se lhe posso contar tudo. Mas é uma escolha. Tenho de fazer uma escolha, e não sei como a fazer, como agir. Imagine ter de escolher entre, digamos, esta igreja e a vida de quem a frequenta ao domingo... — tentou explicar-se Pedro de voz tremente.

O padre, ainda de mão na cabeça, um gesto que surpreendia Pedro por estar habituado a maior estoicismo por parte de homens em posições de autoridade, fixou aqueles olhos claros no rapaz. Depois, olhou à volta, certificando-se de que ninguém os ouvia, e disse:

— Pedro, não precisa de me contar tudo, está bem? Mas não sei se o entendi bem. Pode-me falar mais desse tal dilema?

— Não lhe posso contar tudo, lamento. Mas posso dizer-lhe que é uma escolha entre, por um lado, servir a nossa pátria, o Estado que cuida de todos nós, e por outro uma pessoa de bem, que se preocupa pelos outros, que nada fez de mal e não merece ser magoada.

Aquelas palavras tiveram uma saliência especial para o padre que, ouvindo o relato de Pedro, ia preparando o seu discurso. E assim se lançou em mais uma sermão:

— Pedro, como lhe posso explicar? Vivemos em tempos em que a nação está acima de tudo, em que respiramos a pátria e lutamos por ela até no Ultramar. A sua alma tem de estar alinhada com o sucesso da pátria, da nação, sempre... — recitou o padre Jerónimo, como se de um ave-maria se tratasse.

Mas o padre parecia querer dizer algo mais. Olhou mais uma vez à sua volta, respirou fundo, e continuou:

— Enfim... mas digo-lhe também que o bem e o mal não pertencem só à pátria nem ao estado. O bem e o mal estão nas nossas escolhas, e o Pedro, tal como os outros homens, tem a possibilidade de querer e fazer o bem. E mesmo que a pátria nos queira bem, o bem da pátria nem sempre corresponde ao amor, à caridade, ao cuidado pelo outro.

Pedro ouvia-o, cada vez mais atento, como que à espera de uma única palavra mágica que desbloqueasse e resolvesse a situação. O padre Jerónimo, pelo seu lado, não abrandava no sermão. De facto, com o passar dos anos o padre começara cada vez mais a pregar aquilo em que acreditava do fundo do seu ser — a seguir as suas intuições morais, por assim dizer — e a preocupar-se menos com o que as hierarquias eclesíásticas e terrenas esperavam dele. Interessava-lhe, acima de tudo, o bem-

-estar do próximo. Sentia que era essa a modesta missão que a Providência lhe inculcara. E para a cumprir inspirava-se sobretudo no Novo Testamento, que tinha para ele um valor pessoal que nenhuma doutrina da Igreja conseguia exprimir.

Continuou então:

— Segundo Mateus, Jesus manda-nos dar a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. E quando os Césares, por força das circunstâncias, atiram para a prisão os que desrespeitam a lei deste mundo, os castigados não têm para onde virar-se senão para a misericórdia do nosso Senhor. Em última instância — e isto, por assim dizer, fica entre nós — não são os papas, patriarcas, cardeais ou padres, nem os imperadores, reis, presidentes ou duques ungidos que regem o bem. Eles regem as almas e a terra durante o século, o tempo que resta, até que este se esgote; gerem e providenciam a humanidade contra os males que ela própria cria, criando por vezes eles mesmos esses males. Mas em última instância é o Cristo o nosso soberano; é Ele o Quebrador da Lei, a esperança dos últimos, a figura dos desfigurados. É com esse conhecimento que Paulo disse aos Coríntios que aceitaria com prazer insultos e privações, perseguições e aflições, e que seria na fraqueza que encontraria a sua força. Que não haja dúvida de que todos — reis ou escravos, colonos ou indígenas — serão iguais perante Ele quando chegar o fim dos tempos; quer no bem que fizeram, quer no mal que cometeram. Aí o padre Jerónimo, até então pronunciando as palavras com uma confiança triunfante, interrompeu-se e calou-se. Passou mais um curto momento de silêncio enquanto o padre respirava fundo e se estabilizava. Desenhava-se agora uma gota de suor numa das têmporas do padre, enquanto no rosto de Pedro se erguia um leve sorriso no canto da boca.

— Perdoe-me, Pedro, perdi-me um pouco, talvez — retomou o padre, apoiando-se num dos bancos. — O que quero dizer, Pedro, é que a resposta está no seu coração. Oiça a sabedoria que a sua alma possui, dir-lhe-á mais do que qualquer raciocínio meu.

O fardo que Pedro carregara até então parecia aligeirar-se. Alguma coisa nas palavras do padre lhe causara uma profunda satisfação e parecia oferecer-lhe a paz que procurava. O padre Jerónimo sempre fora mais amável do que os outros, que atormentavam os

camponeses com histórias sobre o inferno e o castigo divino. Segundo o padre Jerónimo, o inferno era apenas um lugar nas cabeças dos homens, uma má disposição, um ódio ao outro que tinha de ser resguardado. Todo o ser livre e falível podia sucumbir ao inferno. O mais importante, para o padre, era procurar a redenção. Reinava outra vez o silêncio. As últimas palavras do padre pareciam ter acalmado os ânimos.

— Padre Jerónimo... — continuou Pedro, interrompendo o silêncio e tentando fechar o assunto — isso que acaba de dizer aplica-se à minha situação, à nossa nação? E o que me diria se eu escolhesse a nação não por respeito a ela, mas porque ela me poder ajudar, a mim e à minha família? Será que posso sacrificar outra vida para o meu bem?

O padre digeriu longamente as palavras antes de responder.

— Eu já disse o suficiente. O Pedro fará a escolha certa. Se tiver dúvidas entre servir um estado transiente ou o bem permanente, a sua alma saberá como responder. Lembre-se que o Reino Dele não é deste mundo, mas o que fazemos no mundo afecta o nosso futuro nesse Reino.

Esboçou-se outro sorriso nos lábios de Pedro.

— Confesso que sempre o subestimei, padre — respondeu Pedro, satisfeito. — Para lhe dizer a verdade, havia famílias na aldeia que o temiam um pouco, tinham medo de se confessar, que contasse algo à polícia, não sei. Afinal, a igreja tem tanto apoio das autoridades públicas, pelo que os medos sempre me pareceram justificados, mesmo sendo o padre uma pessoa amável e pronta a ajudar qualquer alma em necessidade.

...continuará no próximo fascículo.

Daniel Torres Pacheco

RECEITA COCKTAIL

GRANIZADO DE FRUTA COM GIN OU LIMONADA

INGREDIENTES

300 gramas de frutos vermelhos e/ou morangos congelados
Gelo
Gin (para a versão com álcool)
Sumo de limão (para a versão sem álcool)
Folhas de menta

PROCEDIMENTO

1. Pôr num liquidificador os frutos vermelhos e/ou morangos congelados e a mesma quantidade de gelo
2. Acrescentar água fria até cobrir
3. Triturar
4. Servir num copo, acrescentar o gin ou sumo de limão na proporção que se deseje e misturar
5. Decorar com umas folhas de menta

